EDITORIAL

TERRITÓRIOS EM RESISTÊNCIA: ENFRENTAMENTOS POLÍTICOS, SOCIOAMBIENTAIS E ANTIRRACISTAS NA GARANTIA DA CIDADANIA NO OESTE BAIANO

Shirley Pimentel de Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)
E-mail: shirleypimentel@ifba.edu.br

O tema da Semana da Consciência Negra de Barreiras (SECONBA) neste ano de 2025, em sua 21ª edição, é *Territórios em Resistência: Enfrentamentos Políticos, Socioambientais e Antirracistas na Garantia da Cidadania no Oeste Baiano*. Como de costume, a nossa edição anual da Revista Coletivo Seconba segue a mesma temática, de modo a oferecer ao público leitor uma diversidade de textos que atualiza o debate sobre as relações étnico-raciais nos diversos campos científicos.

O esforço coletivo pela manutenção de uma Revista que prioriza as produções acadêmicas, ativistas e profissionais engajadas nos territórios de identidade da Bacia do Rio Grande, da Bacia do Rio Corrente e do Velho Chico, tem um propósito político de evidenciar que estes territórios produzem ciência, escrevem, teorizam e disputam projetos de sociedade. Os textos desta edição compartilham este entendimento comum e seguem um percurso de enfrentamento ao racismo estrutural e à produção científica eurocentrada, ficando evidente nas escolhas teóricas e metodológicas das pessoas autoras, nas práticas pedagógicas trazidas à cena e nas alianças feitas com os territórios e suas gentes.

As identidades, saberes e corporeidades dos territórios são destacados, sobretudo, em dois textos. No artigo "A Capoeira foi minha mãe: narrativas sobre as artes na comunidade quilombola de Rio das Rãs em Bom Jesus da Lapa", ao registrar as narrativas do professor Zezinho, a autora reconhece na trajetória desse mestre de capoeira e professor uma pedagogia que articula educação, arte, corpo, música e luta comunitária no quilombo Rio das Rãs. Já o artigo "Confluência e resistência afro-indígena: os saberes associados ao consumo da mandioca como instrumento de soberania alimentar" toma a mandioca como fio condutor para pensar soberania alimentar, afeto e identidades. Ao falar de farinha, beiju e tapiocas, as pessoas autoras recusam uma leitura restrita aos nutrientes

e calorias e abordam a mandioca como tecnologia afro-indígena de resistência, articulando conceitos como contracolonialismo, afrocentricidade e interseccionalidade.

No campo da análise das políticas públicas, a discussão apontada no artigo "A interrelação entre políticas de cotas e mobilidade educacional intergeracional em famílias afrodescendentes" evidencia como as ações afirmativas rompem com a lógica da baixa escolarização, consequência racismo e do modelo elitista de ensino superior, ampliando as possibilidades de acesso, circulação em espaços de poder e construção de novas identidades acadêmicas para jovens negros. O artigo "A Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ) sob o olhar do Ciclo de Políticas Públicas" por sua vez, lê essa nova política demarcando que não há neutralidade nos processos de formulação, implementação e avaliação, visto que são atos atravessados por disputas e pelo racismo institucional.

No que se refere às práticas pedagógicas antirracistas, esta edição traz contribuições que mostram caminhos para a inserção do debate étnico-racial no currículo, destacando que não basta mencioná-lo nos documentos oficiais, mas efetivar por meio de ações pedagógicas concretas. O artigo "Cabeça Antirracista: práticas lúdicas e pedagógicas para o ensino de Geografia" mostra como o ensino de Geografia pode mobilizar a criatividade e o debate crítico, de modo que estudantes façam leitura do espaço a partir das desigualdades raciais, produzindo coletivamente práticas antirracistas. Já a proposta do texto "Geometria antirracista no 7º ano: uma sequência didática decolonial para desnaturalizar o eurocentrismo no ensino de matemática", contribui para romper com o mito da existência de uma Matemática neutra e universal, introduzindo geometrias africanas e indígenas como conhecimentos legítimos e sofisticados, que devem estrar presentes no contexto escolar. Na mesma direção, o texto "Educação e diversidade linguística: desafios e possibilidades na implementação da Lei 11.645/08" tensiona a colonialidade na linguagem, mostrando como a implementação da Lei 11.645/08 ainda esbarra na falta de formação docente e no silenciamento curricular, mas também abre possibilidades para uma educação decolonial que valoriza línguas indígenas e de matriz africana. O artigo "Consciência Negra no ensino de Arquitetura e Urbanismo no IFBA-Barreiras" amplia esse debate ao interrogar um campo historicamente marcado pelo conhecimento eurocentrado, propondo que futuros arquitetos e urbanistas formados no interior da Bahia se comprometam com territórios periféricos e racializados, reconfigurando o próprio sentido de projeto, cidade e patrimônio.

Por fim, a resenha “Luta e pensamento anticolonial: uma entrevista com Geni Nuñez” aproxima o público leitor de um pensamento indígena anticolonial que insiste na necessidade de desmontar monoculturas de saber, de gênero, de sexualidade e de afeto. Ao trazer essa voz para o diálogo, a Revista amplia o horizonte de referências, mostrando que a crítica à branquitude, à monocultura acadêmica e à produção sobre povos indígenas sem a participação desses povos não é viável dentro de um projeto de educação comprometido com justiça racial.

Em conjunto, esses textos destacam o Oeste da Bahia como *território em resistência* que pensa *com* e *a partir* de suas comunidades negras, quilombolas e indígenas. Assim, as escolas, o Instituto Federal e as universidades aparecem como espaços de articulação entre teoria e luta social, destacando a sala de aula, o quilombo, a cozinha, a roda de capoeira, a casa de farinha e as redes digitais como lugares legítimos de produção de conhecimento. Desejamos que os textos aqui publicados circulem, sejam lidos, discutidos em sala de aula, nas reuniões de coletivos e de grupos de pesquisa, de modo que sejam uteis nos enfretamentos às colonialidades do poder, do saber e do ser que estruturaram a modernidade e que persistem na fabricação de desigualdades sociais, étnico-raciais e epistêmicas.

Boa leitura!